

PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS:

"LITERATURA E SUBDESENVOLVIMENTO", DE ANTONIO CANDIDO

RESUMO

Leitura do ensaio "Literatura e subdesenvolvimento", de Antonio Candido. Sua contextualização na obra coletiva *América Latina em sua literatura*. A unidade na diversidade das literaturas latino-americanas. A questão da dependência e da influência dos modelos europeus, no jogo nacionalismo/universalismo.

RESUMÉ

Lecture de l'essai "Literatura e subdesenvolvimento", de Antonio Candido. Sa contextualisation dans l'oeuvre collective *América Latina em sua literatura*. L'unité dans la diversité des littératures latino-américaines. La question de la dépendance et de l'influence des modèles européens, dans le jeu nationalisme/universalisme.

* Professor de Literatura Brasileira na UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutorando em Literaturas de Língua Portuguesa na mesma Universidade.

A minha consciência moral e intelectual exige de mim participar das lutas humanas. E eu participo. (...) Eu, repudiando os nacionalismos, pela minha exigência de humanidade no entanto me esforço em ser nacional, como Deus se constrange no "nacionalismo" das religiões.

Mário de Andrade. *O banquete*. 1944.

Escrito em 1969, o ensaio "Literatura e subdesenvolvimento"¹ de Antonio Candido destinava-se a um projeto da UNESCO, de que resultou o volume coletivo *América Latina em sua literatura*² (1972). Este projeto pretendia empreender o estudo das culturas da América Latina em suas expressões literárias e artísticas, a fim de determinar as características de tais culturas. Era parte de um plano mais amplo cujo objetivo era articular o conhecimento da cultura universal na especificidade de cada região e difundir essas características em todas as outras regiões. Cada região se integraria num sistema: procura o objeto substituir uma concepção atomizada das diferentes culturas por outra mais estrutural, com base nas zonas maiores em que essas culturas podem ser divididas - conforme lemos nas informações do "Prefácio"³.

Uma dessas zonas é a América Latina de que a UNESCO visava a dar uma visão globalizante através da literatura, da arquitetura e urbanismo, das artes plásticas e da música. Pretendia aquela organização fornecer "uma visão completa da América Latina através de sua produção cultural" e "facilitar a compreensão desta grande região".

Nesta perspectiva, a região é definida como uma totalidade: *unidade na diversidade*. Evita-se, assim, o isolamento, marca dos países latino-americanos - o que levava seus intelectuais a distanciarem-se, voltando-se antes para a matriz européia, mais especificamente Paris. Ou a caírem num tipo de nacionalismo de gosto ufanista e provinciano. O projeto tencionava partir da contemporaneidade e, num solo histórico, remontar ao passado quando necessário para compreender o presente, para sentir e expressar a unidade cultural da América Latina, num processo de autoconsciência. Busca-se aí a própria identidade da América Latina, na medida da sua universalidade. "O que o projeto procura captar é o conceito mesmo de América latina, através de suas manifestações culturais, restabelecidas em sua unidade histórica e geográfica", nas palavras de César Fernández Moreno, na "Introdução"⁴ da obra.

Na universalidade dessa América cuja "invenção é feita pela cultura ocidental, invenção renovada pelos contatos diretos com a imigração, ou indiretos como as apostações culturais", no dizer de Rubén Bareiro Sagüier⁵, é que o projeto da UNESCO, organização que se empenha em suscitar um "mundo totalmente humano" - (César Fernández Moreno; "Introdução"), procura captar e definir o impacto atual da América Latina sobre a cultura universal e nesta a sua inserção. Esta tarefa é levada a cabo no volume sob a ótica do discurso universalista da razão iluminista, em que os conceitos de civilização e de progresso apontam para o possível ultrapassamento do atraso.

O plano de fundo do projeto é a questão do subdesenvolvimento, do atraso dos países latino-americanos. Não esqueçamos que esse trabalho foi planejado e executado em fins da década de 60 em que se viviam os impactos da Revolução Cubana, dos golpes ditatoriais em vários países e da dominação crescente do capitalismo selvagem. E no meio disso tudo o *boom* da literatura hispano-americana. Atravessando este quadro, plainava soberana a questão da dependência econômica e cultural.

Não se trata de fazer de conta que a dependência não existe. Ela é inevitável. As influências não são negadas, mas dirigidas e assimiladas. Nesse jogo, a obra cria algo que lhe é próprio e ao mesmo tempo universal. Pois sabemos que, na inscrição na civilização ocidental a que pertencemos, retoma-se a tradição (ou *convencção* - como prefere Anna Balakian) que "é para nós

algo de alheio, como que um empréstimo"⁶. Pela dependência confessada, volta-se "ao domínio das fontes e das origens, domínio em que as literaturas têm forte tendência a perder sua marca nacional e a retomar seu caráter universal"⁷.

Daí, o projeto procurar detectar uma unidade na diversidade das literaturas nacionais desses países. Busca da identidade latino-americana. "Desta maneira, a linguagem multiforme da América Latina transforma-se numa literatura cada vez mais crítica, mais potente, mais universal"⁸. "Uma literatura no mundo" - é o título do primeiro capítulo que "mostra a irrupção ou a 'maioridade' da literatura latino-americana no panorama mundial: analisam os encontros de culturas na região, sua pluralidade linguística, seu impacto em outras literaturas"⁹.

A unidade na diversidade das literaturas latino-americanas, para além de uma temática e de uma pesquisa de linguagem comuns, se prende ao fato de que elas anunciam uma espécie de aparição de um homem novo esquizofrenicamente dilacerado entre as exigências nacionais (a diversidade, a alteridade) e os modelos universais impostos pela colonização européia.

No projeto da UNESCO revela-se o paradoxo que seria um dos traços da caracterização da América Latina: os estudos propõem uma superação desse modelo universal, pela afirmação das marcas da diferença dada pela pluralidade cultural, ao mesmo tempo que se busca a inserção nesse mesmo modelo - a procura de nossa inserção diferencial no universal, na formulação de Silviano Santiago¹⁰.

É dentro dessas linhas gerais que se situa o ensaio "Literatura e subdesenvolvimento", de Antonio Candido¹¹, localizado na seção "Literatura e sociedade". O ensaio expõe a correlação entre atraso cultural (ligado ao subdesenvolvimento) e a produção literária na América Latina e tem por objetivo apresentar "as características literárias na fase de consciência amena do atraso, correspondente à ideologia de 'país novo', e na fase da consciência catastrófica de atraso, correspondente à noção de 'país subdesenvolvido'".

Deste modo, o texto baliza-se por esses dois eixos em que Candido retoma a distinção entre "país novo" e "país subdesenvolvido" estabelecida por Mário Vieira de Mello (citado em nota) para o Brasil e a estende para toda a América Latina. Estabelece, assim, um traço da *unidade* que ajuda a compreender certos

aspectos fundamentais da criação literária na *diversidade* dos países latino-americanos. O contraponto desse traço, que se relaciona à questão da dependência cultural e econômica, é a *civilização* ocidental, vale dizer, os países velhos e desenvolvidos da Europa que servem de modelo e força dominante.

A noção de "país novo" corresponde à *ideologia da euforia*. A ela liga-se a idéia de "pujança virtual", possibilidades de progresso no futuro, gerando um pensamento utópico que vai dar no nacionalismo ufanista. A atitude de "deslumbramento e exaltação", que se pode rastrear desde as cartas de Colombo e de Caminha, gera uma literatura que nasce sob o signo do *assombro* (como diz César Fernández Moreno¹²), no bojo do projeto colonialista da Europa moderna sob o impulso guerreiro e o misticismo missionário católico (o Império e a Fé), aliados à cobiça (o ouro). A partir deste assombro que é "o ovo de onde saíra a cultura latino-americana"¹³, é gerada uma literatura em que o exótico, o grandioso, a hipérbole permitem constituí-la como instrumento de afirmação nacional e justificativa ideológica. A consciência *ame*na do atraso, que corresponde à noção de "país novo", vê a literatura como "construção ideológica transformada em ilusão compensadora" do atraso material e da debilidade das instituições. Aí a idéia de *pátria* se vincula à de *natureza* - o "berço esplêndido", prolongamento do tópico do Paraíso, do mito do Eldorado. A pujança da terra produz a identidade dessas literaturas pelo diferente, pelo próprio, que é o exótico ("macumba para turista"¹⁴, na visão debochada de Oswald de Andrade), ao mesmo tempo que leva à ilusão de autonomia calcada no geográfico: os traços autóctones diferenciadores, sem qualquer interferência, marcariam sua identidade.

A noção de país subdesenvolvido, por outro lado, corresponde à *ideologia da disforia*. A consciência agudizada do subdesenvolvimento, a consciência catastrófica do atraso evidencia "a realidade dos solos pobres, das técnicas arcaicas, da miséria pasmosa das populações, da sua incultura paralisante". Essa consciência revela-se como força propulsora, ainda dentro de um pensamento utópico, que aponta para a revolução, meio de afastar o imperialismo e de permitir a "explosão do progresso". Esta postura, mais clara a partir dos anos 50, já vinha produzindo desde os anos 30 uma literatura desmitificadora, a exemplo da ficção regionalista, "que precede a tomada de consciência dos eco-

nomistas e políticos".

Candido, analisando as condições materiais da existência da literatura, liga o analfabetismo com suas altas taxas na América Latina às manifestações de debilidade cultural, associadas a fatores de ordem econômica e política. É o "traço básico do subdesenvolvimento no terreno cultural". Na medida em que vê a literatura como sistema que articula autor, obra e público em interação dinâmica e com uma certa continuidade da tradição (como propõe na *Formação da literatura brasileira*¹⁵), o analfabetismo impede a plena realização desse sistema. Para ele o escritor latino-americano está condenado a ser sempre o que tem sido: "um produtor de bens culturais para minorias, embora no caso estas não signifiquem grupos de boa qualidade estética, mas simplesmente os poucos grupos dispostos a ler".

O pensamento de Candido está ligado à razão crítica do Iluminismo que motivou filosoficamente a criação da UNESCO, como demonstra Alain Finkielkraut, em *La décadence de la pensée*. Ligando o progresso moral da humanidade a seu progresso intelectual e situando-se sobre o duplo terreno político da defesa das liberdades, e cultural da formação dos indivíduos, a UNESCO associa o respeito à autonomia dos indivíduos à instrução, o meio de ser efetivamente autônomo. Propunha "assegurar a todos o pleno e igual acesso à educação, a livre perseguição da verdade objetiva e a livre troca das idéias e dos conhecimentos"¹⁶. Portanto, não conseguir esse objetivo de universalizar a alfabetização, pelo trabalho da educação via escola, significa produzir cidadãos de segunda ordem, um dos fatores responsáveis pelo atraso cultural. A ideologia ilustrada, através da instrução, traria os benefícios que permitiriam a humanização do homem e o progresso da sociedade: "a incultura produz debilidade que interfere na cultura e na qualidade das obras", diz textualmente Candido¹⁷.

É neste aspecto que elogia o individualismo e denuncia a influência negativa dos meios de comunicação de massa, fator impeditivo da ocidentalização iluminista, pois, como "catequeses às avessas", aqueles meios colocam as grandes massas "fora do alcance da literatura erudita, mergulhando numa etapa folclórica de comunicação oral". O imperialismo da cultura de massa acentuaria a dominação dos países desenvolvidos e pela uniformização impede a autonomia do indivíduo.

O atraso cultural leva ao tópicu da dependência. Aqui, re- toma Candido a metáfora da *árvore* explicitada no "Prefácio" da *Formação da literatura brasileira* e mostra serem as literaturas latino-americanas "galhos das metropolitanas". São literaturas dependentes. Não se trata de camuflar as influências em nome de uma autonomia sô justificada historicamente na fase do nacionalismo romântico, fase da consciência amena do atraso do "país novo". Se a literatura é fenômeno de civilização, a influência é inevitável, sociologicamente vinculada à nossa dependência des- de a colonização e o transplante das culturas. O vínculo com as literaturas européias é placentário, não é opção. A dependência reconhecida é "forma de participação e contribuição a um univer- so cultural a que pertencemos, que transborda as nações e os con- tinentes, permitindo a reversibilidade das experiências e a cir- culação dos valores". É a maneira de nossa inserção no univer- sal, visto como o ocidental europeu.

Esta inserção se daria num processo dialético em que as obras resultariam do compromisso com o padrão universal, os mol- des herdados da tradição européia (que se apresentam como forma de expressão), numa tensão com os dados locais da substância da expressão. Formas importadas em tensão com temas novos e senti- mentos diferentes¹⁸. Para Candido, a nossa contribuição origi- nal é um "processo de fecundação criadora da dependência". Nos momentos em que influímos de volta nos europeus, "não foram in- venções, mas um afinamento dos instrumentos recebidos".

Um dos meios para a superação da dependência é "a capacida- de de produzir obras de primeira ordem, influenciada, não por modelos estrangeiros imediatos, mas por exemplos nacionais ante- riores". É o que ele denomina "causalidade interna". O foco se desloca, por conseguinte, para uma tradição interna dentro do mesmo sistema; cria uma continuidade intrapoética, ainda, para Candido, dentro do Iluminismo: a questão da influência é de prio- ridade, de quem antecede, numa relação de causalidade positivis- ta. O poeta retoma as convenções dos seus antecessores, para aí inscrever-se, de maneira análoga de como o poeta primeiro ins- creveu-se no círculo maior da poesia ocidental: é uma relação sistêmica.

Não fica claro no pensamento de Candido se se trata simples- mente da retomada de uma geração anterior, dentro de uma estêti- ca que já não comportava mais os velhos padrões, ou se se dimen-

siona a tradição no sentido dado por T.S. Eliot. Mas como fala em "obras de primeira ordem" e cita os exemplos de Drummond, Murilo Mendes e João Cabral, é lícito pensar-se que a tradição aí não é apenas a "tradição do novo", ou mera continuidade de epigono, mas traz o sentido histórico ("historical sense" - de Eliot) que "envolve uma percepção não só da condição passada do passado, mas também da sua contemporaneidade. O sentido histórico leva um homem a escrever não só com a sua própria geração nos ossos, mas com o sentimento de que o todo da literatura da Europa, desde Homero, e dentro dela o todo da literatura do seu país, tem uma existência simultânea e compõe uma ordem simultânea"¹⁹. Para Eliot, o poeta não pode ser avaliado isoladamente, mas no conjunto dos seus antecessores. "Quando uma nova obra de arte é criada, algo ocorre simultaneamente com todas as obras que a precederam" (Eliot). A obra nova altera todo o sistema que é reajustado. A tradição, então, nunca é estática. Não pode ser herdada, e se alguém a deseja deve dispor-se para um grande trabalho. Envolve, portanto, a idéia de presente contínuo. Para ele, a tradição restringe-se ao Ocidente, ao eurocentrismo, como aponta Silviano. Neste ponto, seu sentido de tradição coincide com o de Candido, que se move no círculo do solo histórico da idéia iluminista da Revolução: o homem imbuído da realidade trágica do subdesenvolvimento (embutida aí a idéia de progresso) "rejeita o jugo econômico e política do imperialismo e promove em cada país a modificação das estruturas internas, que alimentam a situação de subdesenvolvimento". No plano da cultura, entretanto, sintoma de maturidade, encara o problema das influências como vinculação normal.

Politizando a questão da dependência, Candido acha ser ilusório falar em supressão de contatos e influências e propõe, neste prisma, o encaminhamento para a inter-relação e a interação, para uma interdependência cultural. Para além do isolacionismo das culturas latino-americanas, na falácia da autonomia patriótica, essa postura permitirá a consciência da unidade na diversidade da América Latina. "O caminho da reflexão sobre o desenvolvimento conduz, no terreno da cultura, ao da integração transnacional, pois o que era imitação vai cada vez mais virando assimilação recíproca".

Já havia assinalado ele que a melhor estratégia para se evitar o provincialismo patrioteiro eram os estudos de literatura

comparada (Cf. "Prefácio" da *Formação da literatura brasileira*), agora, aqui, bem próximo do que Durisin²⁰ chamou de "comunidades interliterárias especiais", estabelecendo a conexão entre o historicismo nacional literário e a evolução da literatura em seu plano internacional. Através das regularidades literárias pode-se estabelecer a unidade da comunidade literária latino-americana e traçar o perfil que identifica a América Latina em sua diversidade: a especificidade dessa região, num processo de autoconsciência, como requeria o objetivo do projeto da UNESCO.

NOTAS

1. "Literatura e subdesenvolvimento" apareceu em tradução francesa de Claude Fell na revista *Cahiers d'Histoire Mondiale*, UNESCO, XII, 4, 1970, e a seguir em espanhol na obra coletiva a que se destinava: *América Latina en su literatura* (Coordinação y introducción de César Fernández Moreno), México, UNESCO/Siglo Veintiuno, 1972. Em português, saiu na revista *Argumento*, I, 1, out. 1973, depois na edição brasileira de *América Latina em sua literatura* (São Paulo, Perspectiva, 1978). Recentemente foi reproduzido no volume *A educação pela noite & outros ensaios*, do próprio Antonio Candido (São Paulo, Ática, 1987).
FERNÁNDEZ MORENO, César (coord. e introd.). *América Latina em sua literatura*. São Paulo, Perspectiva, 1978.
2. Remete-se sempre a esta edição brasileira.
3. Idem. p. XI-XII.
4. Idem. p. XXVIII.
5. BAREIRO SAGUIER, Rubén. "Encontro de Culturas". Idem, p. 3.
6. Idem. p. 5.
7. BALAKIAN, Anna. "L'originel et l'original". Actes du III^e. Congrès de l'Association Internationale de Littérature Comparée, p. 1269. Este artigo apareceu também no *Year Book of Comparative and General Literatures*, nº 11, Indiana University. 1962.
8. FERNÁNDEZ MORENO, César. "Introdução". In: *América Latina em sua literatura*. p. XXIV.
9. Idem. p. XXVI.
10. SANTIAGO, Silvano. "Apesar de dependente, universal". In: *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro, 1982. p. 22.
11. Daqui por diante, os trechos entre aspas, sem qualquer outra indicação, remetem a este ensaio.
12. FERNÁNDEZ MORENO, César. Op. cit., p. XXI.
13. Idem, ibidem.
14. ANDRADE, Oswald. "Bilhete aberto". In: *Ponta de lança*. 3. ed.

Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972. Neste "artigo" para jornal, de 1943, o autor ataca a literatura nacionalista e ufanista de Cassiano Ricardo: "a sua literatura, rotulada de nativismo, não passa de macumba para turistas".

15. CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira* (Momentos decisivos). 2. ed. São Paulo, Martins, 1964. Cf. os Prefácios e a Introdução. A 1ª ed. é de 1957.
16. FINFIELKRAUT, Alain. *La décadence de la pensée*. Paris, Gallimard, 1987. p. 66-67.
17. Para uma visão mais abrangente do papel do Iluminismo, da educação e da universidade, da literatura, do crítico e do intelectual, entre outros aspectos, na obra de Candido, consultar a tese de doutorado de Célia de Moraes Rego Pedrosa: *Antonio Candido / A palavra empenhada*. 2 vols. Rio de Janeiro, Departamento de Letras/PUC-RJ, 1988. Mimeo.
18. CANDIDO, Antonio. "Literatura e cultura de 1900 e 1945. In: *Literatura e sociedade*. São Paulo, Cia Ed. Nacional, 1965. p. 131-132.
19. ELIOT, T.S. Apud SANTIAGO, Silviano. "Permanência do discurso da tradição no modernismo". In: *Cultura brasileira: tradição / contradição*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed./FUNARTE, 1987. p. 120-122. Neste artigo Silviano Santiago rearticula o famoso ensaio de T.S. ELIOT: "Tradition and Individual Talent", de 1919.
20. DURISIN, Dionys. "Sobre las regularidades del proceso inter literario". In: *Casa de las Américas*. Nº 160. La Habana, jan.-feb. 1987. p. 3-9.